

## **A resistência armada à ocupação dos EUA em 1915: a guerrilha dos Cacos**

*Everaldo de Oliveira Andrade*

Alguns historiadores periodizaram as revoltas camponesas haitianas praticamente como endêmicas desde a queda de Soulouque em 1859 até o ano de 1929. De fato, existia uma resistência armada, em certos períodos pouco organizada, de grupos camponeses no norte onde historicamente não ocorrera uma grande distribuição de terras e que expressava os antagonismos de classe na luta pela terra. Provavelmente como explicação estrutural se poderia afirmar que a erosão do nível de vida dos camponeses ao longo do século XIX, o declínio comercial da burguesia haitiana e o aumento da corrupção governamental tenham ajudado a aprofundar a crise e a instabilidade geral do sistema político então existente, a ponto de inviabilizá-lo como instrumento de controle social. Mas era fundamentalmente o contexto de aumento das tensões inter-imperialistas na virada dos séculos XIX para o XX, e que se refletia em disputas entre França, Alemanha e EUA no próprio Haiti como já abordamos<sup>1</sup>, que estava na raiz de todos os problemas fundamentais. O empobrecimento geral do país aumentava as tensões econômicas e sociais nas classes trabalhadoras. O contínuo período de lutas camponesas instáveis e recorrentes desde 1859 a 1920 refletia em geral essa situação, além de demonstrar a incapacidade da burguesia haitiana em dirigir o país e defendê-lo soberanamente como classe dominante.

Quando ocorreu a invasão dos EUA, o antigo e celebrado poder de resistência militar dos haitianos, demonstrado nas lutas de independência do começo do século XIX, desaparecera por vários motivos. Aviões podiam agora bombardear o interior do país e a antiga tática militar de se afastar do poder de fogo naval já não possuía tanto efeito. A invasão em julho de 1915 teve uma resistência militar marginal, liderada nos primeiros meses pelo general Pierre Benoit Rameau, que havia sido ministro de guerra, feito prisioneiro entre 1915 e 1926. Mas o descontentamento se desenvolveu principalmente entre os camponeses. Sua resistência após 1915 estava agora claramente vinculada à combinação de novos fatores políticos que se combinavam com antigas tensões.

A repressão contra o povo haitiano em geral, e em particular contra os pequenos camponeses, preparou o caminho para os capitais estadunidenses ocuparem as melhores e mais férteis terras haitianas e se utilizarem da mão de obra local. A nova constituição abriu esse caminho, mas ainda era preciso derrotar os camponeses que representavam o núcleo mais profundo da nação haitiana. A questão da terra estava ligada profundamente a luta pela independência desde 1804 e ao

---

<sup>1</sup> *Ibidem*, p. 72.

lugar histórico ocupado pela massa de pequenos proprietários camponeses. E justamente a maior oposição à invasão estadunidense partia dessas massas camponesas<sup>2</sup>. A nova guerrilha rural que ganhava mais força nesse período refletia esse novo contexto e pode-se afirmar que tinha duas causas imediatas: opor-se ao estabelecimento de empresas de agronegócios dos EUA e à reintrodução das corveias aos trabalhadores do campo, corveia que fora abolida em 1864. A retomada dessa forma de exploração do trabalho durante a ocupação dos EUA se assemelhava às práticas de França e Inglaterra na época em suas próprias colônias.

Desde julho de 1916 o comandante militar estadunidense ordenara a requisição de camponeses para trabalhar em regime de corveia na manutenção das estradas seis dias por semana. Aplicada de início de forma moderada, se tornara cada vez mais opressiva. Três mil camponeses foram mobilizados para abrir uma estrada entre as cidades de Gonaïves e Limbé, sem salários e duramente tratados. Os haitianos tomaram essas medidas como tentativas para reintroduzir a escravidão na ilha. De fato, dezenas de milhares de homens passaram a trabalhar de forma obrigatória e sob coerção das tropas de ocupação na construção de estradas e outras atividades sob controle dos EUA. Ao mesmo tempo a ocupação aumentava a pressão econômica do mercado capitalista pelo controle das terras agora liberadas a estrangeiros, o que aumentava a possibilidade do desemprego e da substituição da tradicional agricultura de subsistência pela agricultura comercial ou de negócios<sup>3</sup>. Vastas plantações para exportação foram introduzidas nessa época e destruíram ou enfraqueceram uma das mais importantes conquistas da revolução haitiana de independência: a criação de um campesinato de pequenos proprietários independentes, crescentemente substituídos desde a nova constituição de 1918 por empresas estrangeiras proprietárias que os transformavam em empregados miseravelmente assalariados<sup>4</sup>.

Os pequenos proprietários de terras formaram muitos dos iniciais centros de resistência armada contra as tropas dos EUA. E muitos desses rebeldes tinham referência inicial na liderança do Dr. Rosalvo Bobo e seu discurso nacionalista mas que rapidamente se mostrou insuficiente. Eles foram esmagados nos primeiros meses de combate por uma força composta de marines e a Guarda Nacional recém-criada. Esta é considerada a primeira fase da resistência dos Cacos e terminou em novembro de 1915 com a tomada do forte de Rivière e a morte de todos os haitianos que lutavam. Mas a resistência armada não terminou tão facilmente. Mesmo se alguns líderes Cacos tenham sido subornados, muitos foram intransigentes em resistir aos EUA. A revolta vinha das profundezas da miséria camponesa e retomou seu curso.

A segunda fase de resistência armada ocorreu entre 1918 e 1920 com uma maior radicalização política do movimento, reflexo direto da repressão crescente dos EUA e da ampliação

<sup>2</sup> Patrick Bellegarde-Smith, op cit, p. 78.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>4</sup> Patrick Bellegarde-Smith, op cit, p. 78.

do agronegócio e corveias que atacava as bases econômicas da vida dos trabalhadores rurais. Em 1918 Charlemagne Péralt, pequeno proprietário e oficial do antigo exército haitiano, se destacou como líder nacional de todas as regiões que estavam engajadas na guerrilha contra as forças ocupantes. Péralt nascera em 1866 na cidade de Hinche. Depois de servir nas forças armadas, se tornou comandante e foi reformado em 1915 com a dissolução do exército haitiano, retornando para trabalhar nos campos com sua família. Ele foi preso pelos estadunidenses em 1917 por estar envolvido em um ataque a um escritório oficial dos EUA, sendo sentenciado a cinco anos de trabalhos forçados. Escapou e passou a mobilizar e organizar os camponeses na luta armada. A participação de mulheres entre os combatentes foi significativa, reforçada as características de massa da resistência. A revolta tomou proporções que a polícia local foi incapaz de conter. Os EUA colocaram então os marines para destruir o movimento. Em 1919 milhares de trabalhadores juntaram-se à resistência<sup>5</sup>. Péralt ganhou prestígio com suas primeiras vitórias. Isso lhe permitiu em 1919 constituir um governo provisório no norte do país e declarar sua intenção de devolver os invasores ao mar:

*"Nossa paciência chegou fim. (...) Queremos nossos direitos... Os inescrupulosos estadunidenses destroem nossas instituições, tirando do povo haitiano todos seus recursos... com crueldade e injustiça os ianques têm durante quatro anos arruinado e destruído o nosso território... Nós estamos preparados para fazer qualquer sacrifício para libertar o território haitiano"* <sup>6</sup>.

Estima-se que a guerrilha através do interior do país chegasse a envolver entre 20 e 40 mil combatentes ainda que possuindo apenas cerca de cinco mil homens armados com velhos rifles ou facões. Se as atrocidades ocorreram de lado a lado é verdade, um dos lados lutava pela liberdade do seu país e a posse de suas terras. As represálias dos EUA contra a guerrilha foram rápidas, duradouras e brutais, embora seus efeitos não tenham sido tão imediatos quanto se esperava. A resistência camponesa dos Cacos, isolada e pouco conhecida, não recebeu qualquer apoio internacional. Isso levou seus líderes a apostar no uso da pressão militar para buscar resultados, mesmo sabendo de antemão que uma vitória militar não seria alcançada facilmente. Somente com ajuda de um delator, Jean-Baptiste Conzé, os marines conseguiram capturar Péralt, já que o apoio popular à guerrilha era evidente tanto quanto a impopularidade do governo imposto pelos EUA<sup>7</sup>. O líder dos Cacos foi assassinado a sangue frio pelo capitão marine Heerman Hanneken, que recebeu uma medalha de honra do governo dos EUA por esse fato. O corpo de Péralt foi martirizado, sendo estendido e fixado em um pedaço de madeira como se fosse um crucifixo e exposto à população. Um dos exemplos mais brutais da ação dos EUA e da barbárie a que submeteu as nações e povos submetidos. O pintor haitiano Philomene Obin imortalizou a brutalidade desta cena em um quadro

---

<sup>5</sup> MILLET, 1978, p. 95

<sup>6</sup> David Nicholls, op cit, p. 149.

<sup>7</sup> Patrick Bellegarde-Smith, op cit, p. 81-82.

intitulado “*O funeral de Charlemagne Péralt*”. A Guerra de Libertação criava seus mártires.

Não satisfeitos os marines quiseram fazer de Péralt um exemplo macabro e difundiram amplamente uma fotografia de seu corpo amarrado para distribuição em todo o país. O martírio de Péralt e a perseguição aos seus outros milhares de companheiros assumiram dimensões que nunca ocorreram antes da ocupação<sup>8</sup>. A resistência continuou por alguns meses sob a liderança de Benoit Batrville, que também foi morto em maio de 1920. Um pequeno livro que ele carregava quando morreu sugeria que a luta dos Cacos possuiria certa motivação religiosa<sup>9</sup>, que se combinava certamente com a defesa nacional após a repressão que sofriam os religiosos haitianos vodou. A resistência armada foi desarticulada com ele, continuando sob outras formas<sup>10</sup>. Paralelamente à revolta Caco, campos de concentração foram organizados para reprimir e controlar as massas de camponeses, em um processo de “pacificação” que não pararia por aí<sup>11</sup>. Tribunais militares julgaram 191 civis apenas no ano de 1920<sup>12</sup>.

As denúncias das brutalidades e atrocidades cometidas pelas forças dos EUA prenunciavam o que viria nas décadas seguintes em outras partes do mundo<sup>13</sup>. Cerca de 50 mil haitianos provavelmente tenham morrido durante a repressão aos Cacos. Houve de fato uma enorme desproporção entre os mortos das forças haitianas de resistência e os estadunidenses<sup>14</sup>.

A ocupação estadunidense destruiu em parte o orgulho nacional haitiano sobre seu poder militar como nação. A resistência havia sido mínima inicialmente, confinada a atos menores de sabotagem contra as patrulhas marines. Somente os rebeldes Cacos puderam apesar da sua falta de habilidade e recursos limitados contra as forças disciplinadas e bem armadas estrangeiras, tentar alguma resistência mais robusta. A ocupação dos EUA mudou a história do Haiti certamente. Os haitianos, derrotados e humilhados, criaram uma nova lenda em torno de Charlemagne Péralt. Incômoda mesmo aos proprietários e diferentes governantes haitianos, que sobreviveu na memória popular camponesa. Apesar da sua influência limitada, ele se tornou um símbolo e seu nome foi evocado como desafio frente aos estadunidenses<sup>15</sup>. Ao final da guerra Caco a força militar de

---

<sup>8</sup> Elizabeth Aboth, op cit, p. 42.

<sup>9</sup> David Nicholls, op cit, p. 149 e 297, nota 36.

<sup>10</sup> Michel-Rolph Trouillot, op cit, p. 101-102 e Elizabeth Aboth, op cit, p.149 e 297.

<sup>11</sup> Michel-Rolph Trouillot, op cit, p. 101-102 e Alain Rouquié, *O estado militar na América Latina*, p. 153.

<sup>12</sup> Michel-Rolph Trouillot, op cit, p. 105.

<sup>13</sup> Referências e memórias das tropas marines podem ser encontradas em (23/3/2015): <https://oldworldwar.wordpress.com/category/haiti/>

<sup>14</sup> A partir da década de 1970 houve um movimento de revisionismo historiográfico com duas vertentes mais expressivas: uma execrando as atuações mortíferas dos EUA e outra subalterna e que busca minimizar seus efeitos. A obra de Mary Renda (2001) “*Taking Haiti: military occupation and the culture of US imperialism, 1915-1940*” os EUA invadiram com uma “preocupação paternalista...” para ajudar a tutelar um país assolado pela desordem (Eliessa dos Santos Teixeira Scaramal, Haiti fenomenologia de uma barbárie, p. 63). Outra vertente representada pelo historiador Hans Schmidt com “*The United States occupation of Haiti, 1915-1934*” (de 1971) afirma que os EUA agiram intencionalmente, dispersaram o Congresso haitiano, eliminaram o controle popular sobre a presidência e cancelaram eleições municipais. O comandante das forças dos EUA no Haiti declarou que os haitianos eram “mais ou menos animais”. (Todo o processo referente às matanças de haitianos pelos marines está em *Annual reports of the Navy Departament for the fiscal year 1920*. Washington, DD.: GPO, 1921, p. 306 e seguintes. 9 (Citado na nota 10 p. 62)).

<sup>15</sup> Elizabeth Aboth, op cit, p. 48

ocupação contava com 1916 marines, 2 generais, 5 coronéis, 7 majores. Contavam ainda com o apoio de 2785 policiais haitianos da guarda nacional com o papel central de repressão em todo o país<sup>16</sup>.

Uma campanha internacional contra a ocupação militar dos EUA ocorreu nesse período em solidariedade aos haitianos, documentando e denunciando as arbitrariedades cometidas pelos invasores. Vários colaboradores visitaram países da região como Cuba, Equador, Peru, Colômbia, Argentina e Estados Unidos pedindo apoio internacional pelo fim da opressão dos EUA. Uma delegação da União Patriótica Haitiana visitou os EUA para denunciar a dominação estrangeira sobre o país. Órgãos da imprensa estadunidense como *The Nation*, *The Crisis* e *The New Republic* participaram ativamente da campanha de solidariedade. Muitos desses materiais foram publicados na revista *The Nation* da “Associação Nacional pelo Avanço dos Homens de Cor” que atuava no interior dos EUA<sup>17</sup>. O efeito concreto foi o envio de duas comissões – da marinha e do Senado dos EUA - à Port-au-Prince para verificar in loco a veracidade das denúncias. Já em 1922 uma comissão do governo dos EUA sob a presidência do senador Medill Mc Cormick chegou ao Haiti e foi recepcionada por uma multidão de 10.000 pessoas<sup>18</sup>. Apesar de derrotarem os Cacos, os movimentos nacionalistas pacíficos ganharam força. De fato a ocupação provocara um inédito movimento de solidariedade internacional em defesa dos direitos democráticos e da soberania nacional do Haiti como não se previa, o que se chocou com o governo Dartiguenave.

O movimento de hostilidade crescente à ocupação e seu presidente-marionete forçou os invasores a encerrarem seu mandato. O Conselho de Estado composto por 21 membros indicados, e que não possuía qualquer mandato para eleger um chefe de estado, elegeu em 10 de abril Louis Borno como novo presidente embora fosse inelegível pela legislação haitiana por ter pai estrangeiro. Ele fora antigo ministro de Dartiguenave e advogado de grandes empresas estrangeiras. Era um defensor convicto e colaborativo da ocupação acreditando que ela poderia modernizar o Haiti, seguindo o mesmo caminho de seu antecessor ao afirmar que o país teria apenas duas escolhas: desaparecer como nação ou ser salvo pelos EUA. Como ele próprio afirmou "*nós éramos crianças quando os estadunidenses chegaram ao Haiti*"<sup>19</sup>. Em 15 de maio M. Louis Borno tomou posse.

Duas semanas depois o general John H. Russel apresentou uma proposta de empréstimo de \$22,9 milhões de dólares a ser assinado pelo governo haitiano. Esse valor se referiria aos empréstimos franceses ainda vigentes de 1875, 1896, 1910, das dívidas internas contratadas do alto comércio alemão entre 1911 e 1914, além de outras reclamações de US\$2,160 milhões contra o

---

16 Georges Eddy Lucien, op cit, p. 107.

17 Georges Eddy Lucien, op cit, p. 175.

18 Georges Eddy Lucien, op cit, p. 210-213.

19 Elizabeth Aboth, op cit, p. 44

estado haitiano de juros a amortizações atrasadas da companhia nacional de ferrovias. Os principais beneficiários eram empresários estadunidenses, franceses e sírios. Do total do empréstimo imposto aos haitianos, pouco mais de US\$2 milhões estariam disponíveis para gastos no próprio Haiti. Além disso, uma das cláusulas impunha que o país não poderia investir em atividades que pudessem concorrer com produtos importados, devendo apenas encorajar a exportação de mercadorias<sup>20</sup>.

A derrota dos movimentos armados de resistência nacional mostrava as fragilidades políticas e o isolamento dos camponeses, mas também a desarticulação de uma oposição nacionalista e democrática organizada nas cidades entre camadas da pequena burguesia e da burguesia. A ocupação permitira rearticular um sistema político então em colapso e frustrar os esforços internos de um nascente movimento nacionalista e popular que buscava redefinir a estrutura política e questionar a desigualdade social crescente. Não foi possível emergir inicialmente um movimento nacionalista articulado da resistência à ocupação, fator que ajudou nos objetivos dos EUA de manter alguma forma de controle indireto, sem participação das massas, na economia e na sociedade. De fato, a maior oposição à invasão veio do campesinato<sup>21</sup>. A possibilidade de um amadurecimento nacionalista por setores da burguesia democrática e liberal, ou mesmo um regime baseado em dirigentes populares provindos da massa camponesa dos trabalhadores urbanos como força social organizada foram processos interrompidos e fraturados. Com isso, foi facilitado o caminho que permitiu que a superioridade militar dos EUA e o pouco ou nenhum apoio internacional esmagassem as ações quase heroicas de resistência. Isso não significa que não houvesse uma resistência democrática e civil. A Liga da Juventude haitiana revelava novas forças que surgiam voltadas para a defesa da nação. Os jornais como *Haiti Intégrale*, *La Patrie* e *La Ligue* buscaram após a derrota dos Cacos defender posições de defesa nacional. Esse movimento renascerá com maior densidade nas mobilizações de 1929.

## **A greve geral de 1929**

Um conjunto de mobilizações de massas no ano de 1929 obrigou o imperialismo a mudar de política no Haiti. Dois grandes movimentos combinados de estudantes e camponeses se chocaram com o governo Louis Borno e os invasores. O presidente Louis Borno modificara a constituição para exercer um terceiro mandato e que seria ratificado pelo conselho de Estado. Portanto não haveria sequer eleição para eleger um parlamento. Em 3 de outubro uma circular presidencial anunciava eleições apenas em nível comunal, local. Uma oposição oficial se organiza em torno da Liga de ação Constitucional contra a reeleição de Borno, por eleições legislativas e pela

---

20 Georges Eddy Lucien, op cit, p. 140-141.

21 Patrick Bellegarde-Smith, op cit, p. 78

recuperação da soberania nacional do país<sup>22</sup>. Essa oposição restrita ganhou novos contornos com a ação de massas de estudantes e camponeses e a greve de trabalhadores.

Os EUA haviam criado e funcionava desde 1924 uma Escola Central de Agricultura na cidade de Damien, que segundo seu diretor visava também facilitar a criação de uma classe média que ajudasse a manter a estabilidade do país e aproximar os camponeses de elite haitiana. Uma das características dessa escola era discriminar os professores haitianos dos professores estadunidenses e estar centrada em atender as demandas de técnicos das empresas e seus métodos de organização. Essa metodologia e as práticas da escola, que recrutava alguns dos melhores alunos haitianos, entraram em choque crescente com a cultura local e o nacionalismo ascendente. Em 31 de outubro de 1929, em um clima já presente de tensão política por conta das eleições limitadas e restritas, explodiu a greve estudantil de Damien motivada pela redução das bolsas aos estudantes de origem urbana. Mas as motivações eram mais profundas e pouco explícitas inicialmente. A greve se generalizou e em 7 de novembro a Escola de Direito também aderiu em solidariedade. Nos dias seguintes a maioria das escolas do país parava. Os estudantes denunciaram “*o grande número de pseudo-especialistas estrangeiros que recebem salários fabulosos*”. Essa reivindicação expressava demandas claramente nacionalistas do movimento. Grande parte da imprensa se solidarizara com os estudantes. A polícia prendeu e soltou os líderes estudantis depois de uma grande manifestação no dia 8 de novembro. O movimento se ampliou de forma desordenada. No dia 18 de novembro o presidente Borno restabelece as bolsas e as principais reivindicações dos estudantes, mas a greve se mantém e se amplia agora como um movimento generalizado de greve geral. No dia 30 de novembro professores e funcionários entram também em greve. No dia 4 de dezembro empregados das aduanas aderem ao movimento. O país está à beira da insurreição de massas. A lei marcial é decretada e a imprensa censurada.

O movimento de massas se generaliza para o campo. No sul do país a situação já se tornara tensa há mais tempo e ganhou densidade em 1929. Isso se combinava já com os efeitos da crise econômica mundial que se traduzia diretamente no aumento da miséria camponesa com a queda dos preços do café e tabaco. As expropriações de terras e as corveias também haviam semeado a miséria e revolta generalizadas. Quando os EUA voltam sua atenção para a região passam a pressionar ainda mais os pequenos proprietários de terras com novas taxas, provocando falências, revoltas e emigração massiva para Cuba. Buscava-se com isso abrir o controle das terras para a Haitian-American Sugar Company. Mais de 300 mil haitianos haviam emigrado para Cuba e República Dominicana por conta dessas pressões. A ocupação do Haiti favorecera o crescimento da produção de cana em Cuba com a mão de obra farta e barata dos haitianos expulsos por conta da expansão do agronegócio dirigido por empresas dos EUA. A emigração e a tomada de terras foram dois

---

22 Georges Eddy Lucien, op cit, p. 243-245.

fenômenos simultâneos e que respondiam aos interesses das grandes empresas em aumentar seus ganhos à custa da crescente desorganização da economia agrícola e do mundo rural haitiano. Esse fenômeno também afetaria mesmo as cidades, em particular Port-au-Prince, que se expandiu de forma desordenada, apesar das obras de modernização promovidas pelos invasores<sup>23</sup>.

Em 6 dezembro de 1929 os marines abrem fogo contra a população mobilizada em Marchaterre em uma demonstração de camponeses desarmados. Dez mortos e 21 feridos segundo os marines e 22 mortos e 51 feridos segundo os jornais haitianos. Os EUA enviam mais 500 marines ao Haiti para reforçar a repressão. Em 14 de dezembro a Guarda prende mais de uma centena de pessoas, entre os quais muitos estudantes, após uma demonstração de apoio à greve estudantil em Damien<sup>24</sup>. Torturas e assassinatos de mulheres, crianças e idosos foram denunciadas pela Liga Internacional de Mulheres pela Paz e a Liberdade em órgãos de imprensa dos EUA. Outras informações veiculadas pela imprensa nos EUA dava conta de bombardeios às três maiores cidades do Haiti. A presidência de Hoover é obrigada a enviar uma comissão para analisar a situação do país e propor mudanças. Inicia-se um período de transição arrancado pela mobilização das massas, que prepara uma retirada militar. São criadas duas “comissões de estudos” que recomendaram dar maiores poderes de autoridade aos haitianos, que agora possuíam uma Guarda Nacional. O governo dos EUA reconhece a situação grave e propõe medidas imediatas para impedir uma insurreição de massas. A repressão sangrenta já em andamento e suas dezenas de vítimas poderia se tornar uma guerra civil incontrolável. No interior dos EUA alguns dirigentes já levantavam a necessidade de sair do Haiti, mesmo se justificavam a ocupação<sup>25</sup>. Sem muitas cerimônias Borno é afastado e um presidente provisório, Eugène Roy, é rapidamente para organizar eleições presidenciais e legislativas para 14 de outubro de 1930 e sufocar as possibilidades de uma ruptura fora do controle.

### *10 - A busca de um novo nacionalismo?*

A derrota dos Cacos provocou um movimento muito além da busca de táticas e alternativas políticas de resistência e com dimensões mais profundas. Passou-se crescentemente a se buscar na África e não mais na Europa, uma herança ou apoio à reconstrução da nacionalidade violentada. O surgimento de uma consciência negra entre muitos intelectuais - uma aproximação com as origens majoritariamente africanas da nação - combinou-se com uma mais aguçada compreensão dos antagonismos de classe presentes. Uma incontrolável torrente de novas ideias, palavras e imagens

---

<sup>23</sup> Ibidem, p. 200-204.

<sup>24</sup> Georges Eddy Lucien, op cit, p. 242-256.

<sup>25</sup> Em 5 de julho de 1934 Roosevelt visitou o Haiti. *Con una carta de Franklin D. Roosevelt, 1938, Foreign Affairs, vol. 6, 1928, p. 573-586.*

*"However, that in Santo Domingo and specially in Haiti we seem to have e paid too little attention to making the citizens of these states more capable of reassuming the control of their own governments".*

motivaram muitos outros haitianos a se mobilizarem pela liberdade como expressão clara de novas expressões para a rearticulação da identidade nacional. A língua crioula<sup>26</sup>, a religião vodu, os costumes e tradições populares, a pele escura em suas diferentes tonalidades, passavam a assumir novos significados<sup>27</sup>.

A discriminação e intolerância dos ocupantes – que reprimiam indistintamente mulatos e negros – provocou a constituição de uma nova geração de escritores, historiadores e artistas que se tornaram cada vez mais ativos politicamente e unidos na sua reação contra o racismo e as forças de ocupação. Nesse período a organização União Patriótica liderada pelos intelectuais Georges Sylvain, Sténio Vicent, Jean Price Mars, desenvolveu-se e em 1921 já contava com cerca de 16.000 membros. Ela reivindicava o fim da lei marcial, a revogação da Convenção de 1915 que legalizava a ocupação, e chamava à realização de uma Assembleia Constituinte com a retirada em curto prazo da força militar de ocupação dos EUA. Outro grupo, a União Nacionalista, estava particularmente preocupado com as concessões de terras para companhias dos EUA e a expropriação das terras dos camponeses. E um de seus dirigentes, Percival Thoby defendia, em suas palavras, a proteção aos pequenos camponeses contra "*os tentáculos do dólar imperialista*"<sup>28</sup>.

Muitos membros da elite haitiana que deram boas-vindas aos estadunidenses agora estavam na oposição, como o escritor Charles Moravia que fora preso quatro vezes. Acostumados a se pensar como uma aristocracia de pele clara, muitos já tinham hábitos educados e sofisticados e agora eram vistos aos olhos dos estadunidenses igualmente como negros, com todo o peso de discriminação social e econômica que isso implicava na sociedade haitiana. Eles criticaram a política educacional dos invasores por privilegiar questões técnicas sobre os estudos clássicos tradicionais, revelando certo ressentimento da elite haitiana contra o materialismo dos estadunidenses. Era uma oposição eminentemente tradicionalista.

Os dois principais esteios intelectuais de oposição desse período desenvolveram-se na literatura e nos debates antropológicos, sendo parte de uma reação cultural mais profunda que se cristalizava contra a ocupação dos EUA. Se a ocupação obtivera como um dos seus resultados o restabelecimento da hegemonia da chamada “elite mulata” dos negócios do país, por outro lado, reacendeu os impulsos profundos por uma nova unidade nacional e agora sob novos termos. Muitos intelectuais acreditavam que uma cultura crioula poderia se desenvolver desde as raízes africanas e francesas do século XIX. Até então o principal conflito entre intelectuais haitianos dera-se nos embates entre as referências aos modelos intelectuais europeus provindos da cultura francesa ou da

---

<sup>26</sup> A língua majoritária do Haiti é o crioulo. A língua francesa falada apenas por cerca de 10% da população. O crioulo foi originário de vários grupos linguísticos misturados com o francês. Tornou-se um mecanismo de defesa e de afirmação de hegemonia das massas negras, mesmo sofrendo há mais de 60 anos da interferência de programas periódicos de afrancesamento. O crioulo é um dos elementos de unidade e a identidade nacional do Haiti.

<sup>27</sup> Elizabeth Aboth, op cit, p. 42

<sup>28</sup> David Nicholls, op cit, p. 149.

cultura anglo-saxônica. Apesar dos embates em torno da cor da pele entre os próprios haitianos no século XIX, a identidade nacional haitiana estava invariavelmente relacionada com uma identificação positiva com os negros. O movimento pan-africanista tivera os haitianos como seus primeiros protagonistas como já mencionamos, mas adquirira outras dimensões que limitavam seu alcance.

A nação fora fundada por eles em luta pelas liberdades e derrotando o melhor exército da Europa na época. Esta era uma referência central para o nacionalismo do Haiti. Mas na década de 1920, entretanto, a presença diária dos marines, a derrota dos Cacos e a brutal hostilidade contra os negros havia fragilizado essa visão heroica da nação. O novo movimento que principiava a surgir contribuía para revigorar uma nova ideologia da negritude, na qual a lenda negra do passado heroico era reforçada com um novo programa em formação. O escritor da Martinica, Aimé Césaire, chegara a afirmar que no Haiti a negritude como movimento teve sua primeira expressão. No entanto, essa postura nacionalista fundada sobre o mito originário da nação e sua racialização fora circunscrita inicialmente por contribuições emocionais e pouco fundamentadas de intelectuais referenciados na França em particular. Essas elites preferiram as culturas latinas e viam o etnocentrismo dos anglo-saxões e sua política com desconfianças. A literatura e cultura da França eram vistas como modelos formais temáticos. Desse ponto de vista, não se trataria de uma relação com uma suposta “raça” superior mas de uma “cultura” superior. E na medida em que essas culturas estavam na Europa, esta visão branca evocava certo *saber fazer*, bem como certo *saber viver*. Com a ocupação dos EUA, em diferentes níveis e por diversas razões, se colocaram cada uma dessas proposições em questão. O *saber viver* foi colocado rapidamente de lado pelos estadunidenses, vistos como pessoas grosseiras pela elite intelectual haitiana. De fato, a ocupação forçou a uma redefinição do que eram os valores de referência cultural como pontos de vista do nacionalismo haitiano de então. Agora, porém, tornara-se necessária uma reformulação ou reelaboração ideológica que vários intelectuais passaram a empreender e que se expressou como "*movimento indigenista*".

### **“Negro rico é mulato, e mulato pobre é negro”**

Grande parte das dificuldades para se formular uma linha de divisão entre cor da pele e política no Haiti e deve-se ao fato de que a questão da cor não pode ser separada da influência da cultura ocidental europeia e das identidades por ela construídas ou a ela referenciadas. Ao mesmo tempo em que não pode ser reduzida a uma mera projeção das consequências prejudiciais do Ocidente. Algumas práticas e crenças dos haitianos são consideradas provindas da cultura ocidental.

Uma segunda dificuldade deve-se ao fato de que o conflito no Haiti entre a cor e o lugar social não reflete simplesmente uma oposição entre classes sociais e vai além. Entretanto, pode-se definir que a classe dominante não é composta exclusivamente por indivíduos claros. Uma terceira dificuldade é a muito difundida desaprovação nos discursos e práticas de uma discriminação baseada na cor ou raça apenas como aparece na África do sul ou nos EUA, porque os postulados baseados na discriminação social não se aplicam aqui. No Haiti nunca houve motins por questões raciais ou de cor. A questão da cor, por outro lado, não opera em um vácuo social, mas opera frente a diferentes estratégias de competição e luta que com elas materializam mais claramente as alianças, os olhares típicos de certos casos urbanos e favorecimentos pelo idioma, mas eles também funcionam como referentes socioculturais de oposições fora da arena da política imediata.

A profusão de etnias, cores de pele, religiões e culturas em sua complexidade não poderia ser reduzida à segmentação do mercado de trabalho simplesmente. Isso porque o etnocentrismo precedeu a criação do proletariado europeu. A comparação entre o "nós" e o "eles" implicava entre outros uma avaliação prévia, critérios de beleza, nós somos sempre mais atrativos que eles. Avaliações estéticas podem variar de acordo com a classe socioeconômica e os fenótipos. A categoria cor no Haiti refere-se muito mais a aspectos dos fenótipos que a cor da pele sozinha. A cor do cabelo, sua aparência, traços faciais, a textura da pele, permitem categorizações. Dois indivíduos que teriam a mesma "cor" podem ser classificados em categorias diferentes por causa de outros critérios somáticos. Em outras palavras, um mesmo indivíduo pode ser considerado por dois haitianos não ser negro porque é muito claro, ou não ser considerado mulato porque muito escuro. A linha de cor que separam "*clairs*" (incluindo subgrupos como os *mulâtrês*, *grifes*, *grimaldis* e *mulâtres bruns*) dos *noirs* (incluindo os mais ou menos de pele escura em seus vários tipos de cabelo) é bem importante. A cor nunca opera sozinha, mas junto com percepções e diferenças físicas. Mais importante, ela reflete relações sociais que incluem a origem social, nível de formação educacional, costumes, relações de parentesco e casamento, entre outras características. Estes termos como *mulâtre* e *noir* não significam simplesmente *mulato* ou o *negro* no sentido que entendemos no Brasil, por exemplo. O tipo de discriminação que ocorre no Haiti não é exclusivamente baseado em características físicas e envolve além destas as somáticas e atributos socioculturais.<sup>29</sup>

As divisões de cor não são simplesmente aplicadas em classes sócio-econômicas. De fato, a linha de cor e a fronteira entre ricos e pobres tem se movido desde a independência e cada uma tem sua própria direção. Ao líder do exército rural do século XIX que controlou a parte do sul do país, Jean Jacques Acaau, é creditado um famoso ditado haitiano: "*negro rico é mulato, e mulato pobre é negro*". Nas últimas décadas existem muitos indivíduos negros entre os ricos pela menos muito

---

29 Michel-Rolph Trouillot, op cit, p. 110-113.

mais do que antes, mas alguns de pele clara entre os pobres. Essas particularidades inerentes às atuações sociais permitem práticas subjetivas desta questão pelos políticos ligados às classes dominantes. Isto não pode ser facilmente colocado como uma política discriminatória institucionalizada como ocorreu no sul dos EUA ou na África do sul. Por outro lado, os clubes, escolas, grupos políticos predominantemente de peles claras sempre existiram legalmente, o que permitia construir um pequeno muro aos negros, criando ressentimento entre os negros das cidades e particularmente a classe média.

Ironicamente, as teorias de poder da negritude encontrarão sua origem direta na ideologia política defendida por muitos haitianos de pele mais clara desde 1780 até 1830. Alguns como Vicent Ogé defendiam no século XIX entusiasticamente o argumento de que os mulatos e seus descendentes teriam um jeito natural com o papel de liderança no Haiti pela virtude das suas origens, porque os negros vinham da África e os brancos da Europa. A teoria da negritude seria então mais uma versão desse argumento da legitimidade "natural". A negritude ganhou um discurso extremamente potente do Haiti por combater a "aristocracia da pele". Enquanto a negritude fazia referências explícitas à cor da pele, o "mulatismo" a evitava a todo custo, negando sistematicamente a discriminação de cor e evitando referências de cor em seu discurso político. Para eles era necessário capitalizar a ilusão da competência - a teoria do partido liberal do "*poder aos mais capazes*". Essa camada social obtinha vantagens econômicas e culturais desde antes de independência. No entanto, a competição entre "*negros*" e "*mulatos*" pelo controle do aparato burocrático do estado nunca poderia aparecer como uma luta explícita. Dessa maneira, a ideologia do partido liberal em defesa dos "*mais capazes*" contra o "*maior número*" ou outras expressões desse tipo, funcionavam como um código político através do qual se reconhecia a "*questão da cor*" sem ser explicitamente formulada e detalhada. De fato, as facções políticas majoritariamente negras nunca se livraram dos seus próprios mestiços; e as facções majoritariamente mestiças sempre incluíam negros intelectuais e militares entre os seus<sup>30</sup>. Sob o manto ideológico explícito ou não da luta de cores epidérmicas estava implícita sempre uma luta de classes pelo controle político e econômico dos aparatos do estado.

### *Indigenismo e negritude*

Em 1928 o intelectual Jean Price-Mars publicou o livro "*Ainsi parle l'oncle*", lançando o movimento indigenista e propondo uma reavaliação da cultura nacional, buscando valorizar e reconhecer a ascendência africana do país. Sua obra estuda os fundamentos históricos e culturais

---

<sup>30</sup> Michel-Rolph Trouillot, op cit, p. 126-127.

das massas populares haitianas. Ele afirma que os haitianos, nascidos em condições históricas determinadas, possuíam uma dupla herança, francesa e africana. Seu objetivo era desenvolver o nacionalismo cultural e se contrapor à ocupação estadunidense. A cultura popular do país, sua religião, costumes, música, modos de vida não eram franceses, mas resultado de uma combinação original na qual a África era a origem mais significativa<sup>31</sup>. A influência da sua obra ultrapassou a sociologia. Um movimento também conhecido como “*generation de la honte*” e que atingiu seu auge em 1934, reconhecia-o como fundador do movimento da negritude pelo mundo<sup>32</sup>.

Outros escritores o seguiram e passaram a criticar as tendências da burguesia local em sistematicamente imitar o Ocidente e ignorar a cultura camponesa local. Eles destacaram a necessidade de se estudar o campesinato, fazer o inventário das suas práticas, e retomar as tradições africanas da cultura haitiana. O movimento indigenista criava assim novas respostas: nenhuma cultura era superior e o mais ocidentalizado dos haitianos não seria necessariamente o melhor haitiano e nem o mais útil para o seu país. Era uma resposta à ideologia “*dos mais capazes*” que fora defendida pela elite de pele clara haitiana para encobrir sua visão discriminatória contra a maioria negra e analfabeta do país. Essas respostas embora não imediatamente políticas, tiveram profundo impacto na fundamentação da resistência haitiana<sup>33</sup>. O indigenismo como tal, embora não possuísse um detalhado programa político comum, envolveu intelectuais de diferentes concepções políticas incluindo alguns socialistas em torno da resistência nacional. Este nacionalismo cultural deve ser separado e distinguido, no entanto, do movimento da negritude. O indigenismo haitiano focava seus objetivos de reflexão na arena nacional. Teoricamente os objetivos do movimento da negritude estavam projetados no espaço mundial, que incorporava uma avaliação da desigualdade de povos, religiões e culturas originais da África. Essas distinções são importantes na medida em que elas continuamente influenciarão os alinhamentos políticos posteriores dentro do Haiti<sup>34</sup>.

Alguns fatores contribuíram para o surgimento da negritude como movimento. Ela envolvia em certa medida a aceitação das ideologias de raça de autores europeus de que haveria raças humanas significativamente diferentes. O surgimento do movimento da negritude entre os escritores negros das décadas de 1920-1930 certamente estava ligado aos eventos e tendências políticas e a necessidade de resistência às pretensões europeias e dos EUA, e no Haiti em particular. Mas isso não estava vinculado à adoção de teorias raciais especificamente negras. Vários movimentos como o surrealismo e o existencialismo certamente contribuíram, mas a negritude deve ser vista como uma ruptura no pensamento dos intelectuais negros que abordavam a questão<sup>35</sup>. O impulso em geral

---

31 Georges Eddy Lucien, *op cit*, p. 215.

32 Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal, *op cit*, p. 68

33 Michel-Rolph Trouillot, *op cit*, p. 132.

34 *Ibidem*, p. 133-134.

35 David Nicholls, *op cit*, p. 163-164.

dos africanistas da negritude era aguçado pela oposição aos aspectos mais brutais do colonialismo europeu, mas adquiriram uma conotação mais profunda e direta com a ocupação do Haiti<sup>36</sup>. É importante acrescentar a influência dos congressos mundiais pelo pan-africanismo que ocorreram nesse período<sup>37</sup>.

Originariamente o movimento da negritude possuía uma identidade política antimperialista, por isso é importante distingui-lo de sua expressão haitiana que teve um viés conservador e mesmo do pan-africanismo. Originariamente uma reação literária, tornava-se crescentemente um movimento político e radicalizado, expressando a reação mais profunda ao colonialismo que se aprofundara desde a década de 1920 à ideologia da suposta superioridade branca que fazia com que muitos internalizassem e aceitassem a situação de opressão. Como afirmou o pensador e poeta haitiano René Depreste, muitos representavam: “*um homem alienado em sua própria pele...*”. Muitos dos intelectuais do movimento de consciência negra provinham da pequena burguesia e as suas preocupações não estavam direcionadas a princípio para as questões econômicas e políticas prioritariamente. Mas a negritude como movimento cultural deu consciência a muitos negros das Américas do valor de sua cultura, da capacidade dos povos de exercerem sua soberania para combater o colonialismo<sup>38</sup>.

O conceito ganhou os círculos europeus na década de 1930. O intelectual Leopold Sédar Senghor elaborou uma teoria em torno do conceito de negritude e tentou apresentá-la como unânime. Aimé Césaire, poeta surrealista da Martinica, a quem foi atribuído o primeiro uso do termo negritude – afirmaria que foi “*no Haiti de Toussaint Louverture que a negritude se pôs de pé pela primeira vez*”<sup>39</sup> no entanto, foi cauteloso em não teorizar sobre o conceito de negritude. Para Césaire o debate sobre a negritude ia além de uma questão racial, como escreveria em seu célebre ‘Discurso sobre o colonialismo’:

*“Uma civilização que engana seus próprios princípios é uma civilização moribunda. O fato é que a civilização chamada 'europeia', a civilização 'ocidental', tal como foi moldada por dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial. Esta Europa citada como tribunal da 'razão' e ante o tribunal da 'consciência', não pode justificar-se, e se refugia cada vez mais em uma hipocrisia ainda mais odiosa, porque tem cada vez menos probabilidades de enganar. A Europa é*

<sup>36</sup> Ibidem, p. 163-164.

<sup>37</sup> Vários congressos Pan-africanos ocorreram em pleno período de ocupação do Haiti e com grande participação do movimento negro dos EUA e em particular do grande ativista W. E. B. Du Bois. Em 1919 ocorreu em Paris o Primeiro grande congresso mundial. Mas só nos EUA em 1919 mais de 83 negros haviam sido linchados. Compareceram 57 delegados das colônias da Inglaterra, França, Antilhas e EUA. No 2º congresso realizado em 28 e 29 de agosto de 1921 em Londres, com 130 delegados, sendo 41 da África e 35 dos EUA, foi aprovada uma “Declaração ao mundo”, escrita por Du Bois e que exige para os negros direitos iguais aos dos brancos. O 3º congresso de 1923 em Londres teve uma segunda sessão em Lisboa, visando pressionar o governo português a abrandar os trabalhos forçados em suas colônias. O 4º congresso foi realizado em Nova Iorque em 1927 com a presença de 208 delegados de 10 países. Começou a ser elaborada a doutrina pan-africana ao se proclamar o direito dos negros à terra africana e seus recursos, várias reivindicações sociais, mas também a “associação capital-trabalho”.

<sup>38</sup> Citado por Patrick Bellegarde-Smith, op cit, p. 87.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 69.

*indefensável*<sup>40</sup>.”

O fervor revolucionário nacionalista e internacionalista que contaminava a maior parte da militância política e cultural da negritude surgida nesse período oscilou depois para uma política oportunista e reacionária, demonstrada posteriormente pelo governo do presidente haitiano François Duvalier ou mesmo de Léopold Sédar Senghor como presidente do Senegal<sup>41</sup>. Na década de 1940 surgiram controvérsias sobre o uso do termo *Negritude* e novas leituras foram realizadas sobre o “ser negro” e seu papel nas transformações sociais<sup>42</sup>. Franz Fanon identificou um contraponto à negritude no que chamou de “*bovarismo mulato*” como um típico modo de pensar das elites do Caribe, sobretudo os mestiços mulatos, que desenvolveram ideias e maneiras dos franceses e viam a Europa como um componente indispensável de sua identidade: “*O bovarismo mulato era uma forma assimilacionista e se fundava em um modelo de identidade europeu de forma geral e francês de forma particular.*”<sup>43</sup>

## **Negritude e fascismo: o movimento Griots**

Talvez o mais ativo e influente movimento de protesto nacionalista no período – e que expressava um alinhamento conservador de uma ala do movimento da negritude haitiana – surgiu em torno do movimento *Griots* e que também é conhecido como negritude. Em 1932 fundou-se o grupo Griots que mais tarde atrairia dois importantes poetas, Carl Brouard e Clement Magloire filho. O nome do grupo estava ligado a uma tradicional instituição africana. O *griot* é o poeta, o mágico da tribo que perpetua os costumes ancestrais, as crenças e mitos. Os animadores do grupo eram conhecidos como os três Ds: François Duvalier, Lorimer Dennis e Louis Diaquoi, esse morto precocemente. Duvalier era então um estudante de medicina apaixonado pela etnologia, nascido em Port-au-Prince em abril de 1907 e filho de Duval Duvalier, professor, jornalista e juiz da paz. O jovem Duvalier foi beneficiado pelo programa de médicos e estudantes oferecido pela ocupação dos EUA. Nesse programa subsidiavam-se os meios para a Escola de medicina local. Eram oferecidos pela fundação Rockefeller, como a biblioteca, e ofereciam-se instrumentos e livros-textos aos estudantes nos primeiros anos do ensino básico, além de revistas francesas e estadunidenses de medicina.<sup>44</sup> Depois de formado, François Duvalier trabalhou em vários hospitais e clínicas como assistente da missão médica do exército dos EUA até 1943. O intelectual haitiano Jean Price Mars que iniciara o indigenismo era a referência central do grupo. No entanto, eles o extrapolaram com

40 Aimé Césaire, *Discurso sobre o colonialismo*, p. 15.

41 Patrick Bellegarde-Smith, op cit, p. 88.

42 Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal, op cit. p. 70-71.

43 Ibidem, p 70-71.

44 Ibidem, p. 46

uma abordagem própria da questão nacional e negra. Antes dos estadunidenses retirarem suas tropas, e duas décadas antes de começar seu próprio governo em 1957, Duvalier havia já começava a articular as linhas gerais de uma ideologia política futura para justificar seu regime<sup>45</sup>.

O grupo Griots contribuiu com artigos para vários jornais diários como o *Le Petit Imperial* e *L'Action Nationale*. Eles continuaram enfatizando o passado africano do país e exaltando as grandes civilizações africanas. Lorimer Dennis e François Duvalier insistiram em que a biologia e o grupo racial determinariam a psicologia, que por sua vez determinava a personalidade coletiva. Duvalier acrescentava, como Joseph Gobineau, que as raças seriam significativamente diferentes umas das outras e que isso se devia a fatores biológicos. Ele reconhecia que o povo haitiano era racialmente misto entre europeus e africanos, mas seriam pessoas com mentalidade africana. Os *Griots* dão grande ênfase ao passado africano do Haiti, afirmando que os haitianos eram basicamente africanos em sua composição genética, o que supostamente regularia sua cultura e sua estrutura social<sup>46</sup>. Outro aspecto defendido pelo grupo dizia respeito à religião Vodou, que para eles era uma expressão de consciência racial que representava uma cristalização das origens e da psicologia do povo haitiano que perpetuava o passado africano.

A teoria política deste grupo era antiliberal e um dos argumentos era o de que as velhas ideias da democracia liberal deveriam ser substituídas pelo respeito à autoridade e à disciplina. O sistema ditatorial era aceito e definido como a razão aliada à força a serviço da nação. A autoridade seria algo sagrado. Eles propunham reformas concretas incluindo o respeito à religião vodou, incentivos a cultura e a música africana, sua arte e literatura, uma reestruturação do sistema educacional e uma redução do papel da igreja católica, que seria a principal arma empregada pela elite mestiça francófila para manter sua hegemonia e a predominância da cultura ocidental<sup>47</sup>. Socialmente muitos membros do movimento provinham de famílias pequeno-burguesas, sendo inicialmente em sua maioria médicos, advogados, professores determinados a mudar o controle da elite haitiana. Acreditavam que o poder poderia ser tomado por um governo autoritário composto pelos negros<sup>48</sup>. Os Griots, no qual o jovem médico François Duvalier tornava-se o principal animador, fazia uma leitura própria das pseudoteorias fascistas e raciais que avançavam na Europa dos anos 1930, uma leitura de viés autoritário e racista adaptada à realidade histórica haitiana. Os responsáveis pelo atraso e desrespeito às origens negras e africanos do povo haitiano seriam os “mulatos”. E, nesse sentido, se afastaram e se distinguiram tanto do movimento indigenista haitiano que defendia a originalidade híbrida da cultura popular haitiana, quanto da negritude caribenha que defendia a luta unidade anti-imperialista de todos os povos.

---

45 Elizabeth Aboth, op cit, p. 44-45.

46 David Nicholls, op cit, p. 167.

47 Ibidem, p. 172.

48 Ibidem, 168.

A questão da cor da pele era, de acordo com estes autores, o tema central da história do Haiti. Estudando o passado do país, eles desenvolveram uma leitura própria e racista da história na qual os líderes negros seriam os portadores e defensores das massas, verdadeiros guardiões da independência nacional, enquanto os líderes “mulatos” e políticos teriam traído o seu povo à custa dos interesses nacionais. Os pais do Haiti foram divididos por Duvalier e seus seguidores entre “mulatos e negros”. E nessa reconstrução ideológica os “mulatos” foram responsabilizados por todos os atrasos, derrotas e dificuldades da nação haitiana. Eles viram em Toussaint Louverture um traidor, e uma luta de raças de Dessalines com Christophe contra Pétion e Boyer. Eles insistiram que a solução dos problemas deveria ser buscada dentro do próprio país. Era uma forma de encobrir e esconder o papel que tiveram as potências estrangeiras na destruição e saque sistemático do povo haitiano. Para Duvalier e o Griots, um futuro governo deveria se basear nas realidades social e psicológica particulares do seu povo, e sua origem estaria em suas características raciais majoritariamente negras<sup>49</sup>.

Duas tendências principais contrárias às teses dos Griots se desenvolveram de maneira paralela. Uma ala liberal nacionalista e os primeiros agrupamentos de jovens socialistas haitianos. Algumas reações contrárias ao movimento dos Griots podem ser vistas em parte nos textos de François Dalencour e Dantès Bellegarde e também nos pronunciamentos do presidente Stenio Vincent eleito em 1930. Os dois primeiros eram defensores do liberalismo político, e o último na prática defendeu uma posição mais autoritária do nacionalismo. Estes intelectuais tinham sido profundamente afetados pela ocupação dos EUA. Para Dalencour a resistência militar de Charlemagne Pèralt havia salvado a honra nacional. Ele atacou o controle da terra por companhias estrangeiras e acreditava que uma agricultura autossuficiente seria a condição para uma efetiva independência nacional, insistindo que os pequenos proprietários camponeses eram um aspecto vital da autossuficiência econômica do país. A grande plantação era também vista como um obstáculo à liberdade e à democracia<sup>50</sup>. Este autor também via negativamente as superstições africanas presentes na população e como algo que destruía o senso crítico das massas, o que para ele seria em parte responsável pelas fragilidades do sistema político haitiano. Nesse sentido, defendeu uma luta feroz contra a religião Vodou, com penalidades draconianas impostas aos seus praticantes. Esses autores atacaram o racismo do movimento negritude da revista Griots, qualificando-os como não científicos e fragilizadores da unidade nacional. Eles se opunham ao nazismo na Alemanha e viam a França como o país para o qual os haitianos deveriam olhar como sua casa espiritual; como o país da Declaração dos Direitos do Homem, da abolição da escravatura, o país sem preconceitos de cor. O grupo defendia princípios liberais e democráticos na perspectiva da burguesia<sup>51</sup>.

---

49 *Ibidem*, p. 170-171

50 *Ibidem*, p. 177

51 *Ibidem*, p. 178

Outra reação partiu dos militantes socialistas, em sua maioria jovens estudantes na década de 1920. Esse movimento surgiu de uma ala jovem e radical de jovens nacionalistas. Dois jornais *La Trouée* e *Revue Indigène* agrupavam esses jovens escritores do movimento nacionalista em torno da exigência de retirada das tropas dos EUA. O membro mais influente desse grupo era Jacques Roumain, que publicou em 1928 junto com Georges Petit um “Manifesto à Juventude” no qual afirmavam que “*não existem nem negros, nem mulatos, nem ricos, nem pobres, nem cidadãos nem camponeses, mas somente os haitianos oprimidos pelos estadunidenses e seus apoiadores*”. Eles declararam ainda que as raízes da pobreza e do sofrimento das massas foram aumentadas pelo imperialismo dos EUA. Eles deram importância central aos problemas relacionados ao desenvolvimento econômico do Haiti, analisando a história do país em termos de conflito de classes baseados na luta contra os grandes proprietários. Por isso, o combate contra o imperialismo seria apenas uma parte de um combate mais vasto contra o capitalismo, fosse local ou estrangeiro. Os dois autores e outros apoiadores foram presos em dezembro de 1928<sup>52</sup>. Na década seguinte darão continuidade à militância de esquerda no Haiti.

### *11 - A saída dos marines: balanços da ocupação militar*

As eleições de 14 de outubro de 1930 foram arrancadas dos ocupantes por força das mobilizações de massa de 1929. O imperialismo inicia um recuo, também em função da gigantesca crise econômica do capitalismo que se alastra desde o próprio EUA. Com a decisão da administração estadunidense de retirar Luís Borno rapidamente da presidência, abria-se a possibilidade de recompor o regime e oferecer uma abertura que permitisse uma transição sob controle das tropas. A Assembleia nacional recomposta por senado e câmara de deputados eleitos, recebe a demissão do presidente provisório Eugène Roy e escolhe o senador Stenio Vicent como presidente por seis anos. Ele possuía certas posições críticas à ocupação dos EUA. Vindo de uma família mestiça de pele clara, depois de um período breve de colaboração com os EUA, assumiu posições moderadamente nacionalistas e a saída negociada dos EUA. Escreveria posteriormente em suas memórias que a intervenção dos EUA facilitara a influência civilizatória no país.

Nesse momento os efeitos da crise financeira internacional obrigam o governo de Washington a realinhar sua política externa buscando torná-la menos agressiva militarmente. O provável fim da ocupação estava assim relacionado também ao novo contexto político internacional no qual os EUA desenvolviam agora a política da “boa vizinhança”<sup>53</sup>. O presidente Vincent fizera

---

52 Georges Eddy Lucien, op cit, 216-217.

53 David Nicholls, op cit, p. 151.

da saída dos marines a prioridade do seu governo, na verdade buscava envolver e conter o impulso de massas que esteve na origem da greve geral de 1929. Orador carismático com tendências bonapartistas, se tornara presidente, na primeira eleição em que os marines não interferiram mais diretamente, o que lhe deu um espaço maior de ação sem romper seu vínculo com os EUA. Em Washington alguns oficiais tentaram manter a ocupação militar, mas havia mais variáveis em jogo. Movimentos de negros estadunidenses posicionavam-se crescentemente contra a ocupação e a agitação crescia rapidamente. Protestos começaram a ocorrer com mais frequência dentro dos EUA e incomodar o governo em um período político particularmente tenso em que o desemprego avançava e a crise social crescia. Foram os tempos da política do New Deal. Isso facilitou a negociação pelo fim da presença dos EUA, que mesmo assim continuaria a supervisionar as operações fiscais do Haiti até 1952. Os soldados estadunidenses deixaram o país em 28 de julho de 1934, momento celebrado pelos haitianos como uma verdadeira libertação. Isso favorecendo o mandato de Sténio Vincent e sua tentativa de se apropriar do discurso nacionalista. Ele passou a se referir, com evidente exagero e artificialidade, como o "segundo libertador do Haiti". Desfrutou como presidente de uma estabilidade política comparativamente maior em relação a períodos anteriores. Um plebiscito transferira toda a autoridade econômica do legislativo para o executivo. Em 1935 ele forçou a aprovação de uma nova constituição para aumentar sua autoridade, passou a reprimir opositores e censurar a imprensa. Perseguiu e encarcerou vários militantes do recém-fundado PCH como veremos a frente.

A estabilidade política nos 19 anos após a invasão desde 1915 fora alcançada através da repressão política e armada a todas as formas de resistência com a manutenção e consolidação de um inédito aparato permanente de segurança. As dificuldades e quase ausência de uma sistemática oposição organizada após as primeiras medidas de censura e a perseguição e extermínio da oposição armada dos Cacos provavelmente até explique governos menos brutais na década de 1930 e 1940<sup>54</sup>. Uma paz de cemitérios parecia aparentemente não exigir o uso das disposições autoritárias latentes que haviam sido introduzidas no país de forma profunda. A ocupação interrompera temporariamente o uso da força militar que havia marcado as lutas de sucessão presidencial desde o começo do século XIX. Esta estabilização superficial foi conseguida sob os golpes da ocupação estrangeira, tendo efeitos devastadores a médio prazo ao aumentar as contradições da estrutura socioeconômica concentradora de renda e reforçar conflitos sociais ampliando-os às dimensões da crise estrutural.

A ocupação aumentou particularmente os problemas econômicos de duas maneiras: aumentou a dependência econômica do país ao fomentar o papel das exportações de café e fragilizando as pequenas culturas agrícolas locais; também aumentou a injustiça própria do sistema fiscal ampliando as cotas e valores das importações e exportações que eram sugados do estado

---

54 Patrick Bellegarde-Smith, op cit, p. 86.

através do pagamento da dívida. Entre 1916-21 e 1932-33 o café representava 67% das exportações em valores e aumentou para 78%, ampliando a dependência econômica das rendas nacionais em torno de um único produto. No período 1915-1955 o café representou 59% em média do valor total das exportações<sup>55</sup>. Os EUA foram os únicos beneficiários do déficit comercial haitiano, porque permaneceram como o primeiro fornecedor entre as fontes das importações do Haiti. As importações dobraram durante a ocupação, passando de 23% o valor das mercadorias vendidas em 1916-1917 para 46% em 1932-1933. No período 1915-1955 provinham em média dos EUA 72% das importações haitianas, tendo chegado a 90% em 1919 e em outros anos superando os 80%, o que destacava aprofunda e crescente dependência do Haiti. Os EUA reduziram a já pequena margem de manobras da economia haitiana ao se tornarem seu principal cliente e provedor, criando uma dupla dependência: um único produto, o café e um único mercado, os EUA<sup>56</sup>. No mesmo período as exportações cresceram de 19% para 28% pelo preço das mercadorias vendidas. A carga de impostos cresceu durante a ocupação dos EUA em relação ao que havia sido corrente no século XIX e beneficiando os EUA de várias formas: aumentando os lucros das empresas agrícolas que se instalaram no país, dos seus exportadores e também dos banqueiros beneficiados com os pagamentos das dívidas. A absoluta prioridade dada aos pagamentos de dívidas moldou um sistema fiscal com uma série de novos encargos, o que aumentou brutalmente o preço dos produtos para as classes trabalhadoras<sup>57</sup>. A dívida do país havia sido consolidada em mãos dos EUA no empréstimo de 1922. Durante a depressão pós 1929 o Haiti em nenhum momento deixou de honrar as suas dívidas de Estado, o que não foi nenhum mérito, mas apenas explicitava o lugar de semicolônia apesar de outros países estarem absolutamente quebrados financeiramente, o que particularmente beneficiou os credores estadunidenses em detrimento da nação subjugada.

A ocupação acelerou a centralização política, militar e econômica do Haiti sem, no entanto, fortalecer o estado nacional<sup>58</sup>. Isso se ligava à desarticulação e fim das economias regionais haitianas de um lado, mas de outro, a uma ampla subordinação ao mercado dos EUA. Se a centralização econômica reduzia a corrupção mais explícita e facilitava o controle da administração, ela também fortaleceu o papel centralizador da capital do país. Isso contribuiu para homogeneizar os grupos econômicos e políticos e reforçar seus poderes. O desejo dos EUA uma “classe média” de estilo estadunidense no Haiti durante ocupação para garantir uma suposta estabilidade social não se realizou, em grande medida por conta da miséria crônica e crescente que se espraiava com as consequências econômicas da ocupação. A existência de uma ampla pequena burguesia exigia concessões econômicas impensáveis para a realidade de uma neocolônia. O caminho de

---

55 Rócio Morales Alvarez, op cit. p. 48-49.

56 Ibidem.

57 Michel-Rolph Trouillot, op cit, p. 103.

58 Ibidem, p. 104.

crescimento de uma camada média deu-se muito mais pelas vias parasitárias do Estado, acirrando em vez de estabilizar as relações sociais. A construção de estradas, o assédio aos pequenos proprietários camponeses, a administração centralizada, transformaram as relações entre camponeses, artistas, estudantes, profissionais que encontravam seu modo de vida particular nas cidades costeiras, especialmente na capital. Porto Príncipe cresceu entre 1915 e 1945, tornando-se a arena onde passaram a se decidir as batalhas políticas nacionais.

No campo as mudanças foram ainda mais dramáticas. Depois da derrota dos Cacos avançaram as empresas agrícolas, confisco de terras, corveias e desestruturação da agricultura tradicional. Uma enorme parcela de camponeses haitianos foi obrigada a migrar para países próximos no Caribe desde a década de 1920, o que funcionava como válvula de escape para dissipar tensões sociais internas. Mesmo assim ocorrera a rebelião camponesa de 1929 que refletia essas tensões mais profundas. Com a crise econômica mundial na década de 1930 avançando seus efeitos, mesmo a emigração deixou de ser uma saída. A repressão aos camponeses haitianos emigrados para países vizinhos tornou-se cada vez mais brutal até atingir os limites da tragédia humanitária. Em 1937 o ditador cubano Fulgêncio Batista abruptamente expulsou os haitianos que trabalhavam como cortadores de cana. Desesperados, muitos haitianos sem emprego invadiram os canaviais e campos da república Dominicana em busca de trabalho, mas tiveram que se enfrentar com o terror do ditador Rafael Trujillo<sup>59</sup>. Um massacre sangrento foi ordenado pelo regime dominicano contra os haitianos. Começou em 2 de outubro de 1937 e durou três dias. Calcula-se que cerca de 20 a 30.000 haitianos tenham morrido. Houve evidências de que o ataque fora orquestrado conjuntamente por autoridades do Haiti e da república Dominicana. Era um aspecto que ressaltava ainda mais o fosso social que separava a burguesia haitiana em relação às massas do seu próprio país. O governo da República Dominicana, em um acordo firmado em 31 de janeiro de 1938, pagou US\$750.000 em compensação pela morte dos milhares de haitianos, entando, a burguesia haitiana não denunciou esta transação<sup>60</sup>. Esse acordo indignou a opinião pública haitiana.

O significado mais permanente da mudança no aparelho de estado foi o fim do exército e a constituição da Guarda Nacional nascida pelas mãos pelos EUA inicialmente como “gerdameria do Haiti” e que se tornou em 1928 a Guarda Nacional como um eficiente instrumento político de controle interno. O quase completo desarmamento dos camponeses conseguido pela Guarda Nacional, o fortalecimento da polícia rural e a centralização da nova força militar consolidaram a concentração do poder político. O novo aparato militar controlado desde a capital passou a ter funções de exército e de polícia com um contingente de 4.653 membros. Um dos objetivos dos marines fora se prevenir do possível desenvolvimento de solidariedades regionais fortalecendo e

59 O ditador dominicano também foi resultado da intervenção estadunidense, que durou oito anos de 15 de maio de 1916 a 12 de julho de 1922. Trujillo foi alçado ao poder após um golpe de estado em 16 de agosto de 1930. Ver a respeito: Jesús de Galíndez, *La era de Trujillo, un estudio casuístico de dictadura hispanoamericana*, p. 7-11.

60 Elizabeth Aboth, op cit, p. 50.

concentrando poder no centro<sup>61</sup>. Esta nova força criada logo após a invasão, formada majoritariamente por negros haitianos e com seus comandantes em 1930 sendo 60% oficiais dos EUA era uma organização nacional, em teoria apolítica, e voltada para a manutenção da ordem interna. Essa concessão de poder à Guarda Nacional era particularmente perigosa porque fora recebida por homens com uma compreensão extremamente estreita do Haiti como nação. O poder também foi sendo concentrado nas mãos de uma pequena elite político-militar através do controle armado dessa Guarda, certamente a principal herança deixada pelos estadunidenses.

Um fio de continuidade histórica havia se rompido com a presença desagregadora dos EUA. Não se podem ignorar as diferenças políticas e institucionais entre a nova Guarda Nacional e o antigo Exército haitiano existente até 1915 e que havia sido desmantelado pelos ocupantes. Apesar de todas as arbitrariedades cometidas durante a segunda metade do século XIX, era ainda a mesma instituição, o mesmo exército que havia libertado o Haiti dos franceses e proclamado a independência em 1804. O Haiti possuía o primeiro exército nas Américas que se fez na luta vitoriosa contra a escravidão e o colonialismo. Haviam tomado armas contra as tropas francesas de Napoleão e os escravocratas e os vencera. Durante o século XIX este mesmo exército empreenderá quatro campanhas militares contra a vizinha República Dominicana. Por causa dessa trajetória histórica, por conta de sua origem e por sua posição, o exército haitiano ainda mantinha uma memória histórica que se traduzia em uma identidade que ainda perpassava suas fileiras. Muitos dos seus oficiais ainda acreditavam no começo do século XX estar incumbidos de uma missão de defesa nacional, e isso se prolongou certamente além do colapso nacional de 1915. Foram das fileiras desse exército que saíram líderes, como o mais destacado dos guerrilheiros Cacos que lutaram contra as tropas estadunidenses, Charlemagne Pèralt. Em contraste a Guarda Nacional fora formada pelos EUA especialmente para lutar contra os haitianos, de fato uma arma auxiliar e antinacional dos invasores. E a mais importante campanha desta nova força armada fora justamente ao lado dos marines contra os combatentes nacionalistas Cacos, quando juntos mataram mais de 6.000 camponeses, além de terem encarcerado outros milhares em campos trabalho forçado<sup>62</sup>.

Desde o início da invasão até o fim da Segunda Guerra em 1945 foram 30 anos de continuidade da repressão militar, sob as botas dos marines e em seguida de seus continuadores locais. Em 1947 essa mesma organização torna-se oficialmente o novo Exército do Haiti<sup>63</sup>. Desde a abertura da antiga Escola Militar sob controle dos marines em 1930, ano em que o governo dos EUA começava a preparar sua saída militar, tratava-se de formar uma nova e leal casta militar. Entre os novos alunos figurarão recrutas que jogarão um papel histórico e infame nos anos seguintes contra a democracia e o povo haitiano. Foram treinados desde o princípio para exercerem

---

<sup>61</sup> Michel-Rolph Trouillot, op cit, p. 105.

<sup>62</sup> Michel-Rolph Trouillot, op cit, p. 106.

<sup>63</sup> Alain Rouquié, op cit, p. 153.

o controle político e militar do país: Paul Magloire, Léon Cantave, Antônio Kébreau, se sucederam no comando do exército entre 1951 e 1958. Somente essa centralização do exército permitiu criar a transitória aparência de estabilidade política. O exército treinado pelos marines era, portanto, uma bomba relógio que foi legada pela ocupação dos EUA e estava agora pronta para explodir<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> Ibidem, p. 151 – 152.

## Bibliografia:

- Aboth, Elizabeth. *Haiti – an insider's history of the rise and fall of the Duvaliers*, New York: Touchstone book, 1988.
- Alvarez, Rocio Morales. La evolución del comercio exterior del Haití 1915-1955, *Memorias*, ano II, 22,
- Baggio, Kátia Gerab. *A questão nacional em Porto Rico, o partido nacionalista (1922-1954)*, São Paulo: Annablume, 1988.
- Barranquilla, enero-abril, 2014, p. 26-51.
- Ardila, Daniel Gutierrez. Colombia and Haiti, History of a Misunderstanding (1819-1831), *Secuencia*, 81, set-dec, 2011. p. 69-93
- Balch, Emily Greene. *Occupied Haiti*, New York, 1927. nova ed. New York: Negro Universities press, 1969.
- Bandau, Anja. The narrations of the destruction of Saint-Domingue in the late 18th century and their reinterpretation after the bicentennial of the Haitian revolution, in: *L'Ordinaire des Amériques*, in línea, 2015, <http://orda.rewes.org/688>.
- Barthelemy, Gerard. *Le pays en-deshors: essai sur l'univers rural haïtien*. Porto Príncipe: Henri Deschamps, 1989.
- Barthelemy, G. *Les duvalieristes après Duvalier*. Paris: L'Harmattan, 1992.
- Bastide, Roger; Morin, F.; Raveau, F. ; Les haïtiens en France, The Hague, 1974.
- Benedict, Paul; Dameus, Alix Garrabe; Michel. The tertiarization of the haitian economy, in: *Études caribéennes*, 2010, n. 16.
- Benoît, Joachim. *Les racines du sous-developpement en Haiti*, s/l, Prix Deschamps, 1979.
- Benoît, Pierre. *1804 – 1954 Cent cinquante ans de commerce extérieur d'Haiti*. Col du Cen-Cinquantenaire, Institut Haïtien de Statistique, Puerto Príncipe. 1955.
- Bellegarde-Smith, Patrick. *Haiti, the breached citadel*, San Francisco e London: Westview press, 1990.
- Bethell, Leslie (org.). *História da América Latina*, volume VI São Paulo: Edusp, 2005.
- Bourgeois, Catherine. Dis-moi quelle est la couleur de ta peau et je te dirai qui tu es. / Dime cuál es el color de tu piel y te diré quién eres, In Rubbers, Benjamin ; Petit, Pierre (Éds.), *Identité, culture et intimité. Les stéréotypes dans la vie quotidienne*, Civilisations, 2013, no. 62, p. 31-50.
- Bourgeois, Michel. *Haïti, mythe ou réalité : deux cents ans d'indépendance 1804-2004*. Paris: L'Harmattan, 2014, 235 p.
- Bracey, Djuan. O Brasil e as operações de manutenção da paz da ONU: os casos do Timor Leste e Haiti, *Contexto Internacional*, 33 (2), jul-dez, 2011, p. 315-330.
- Blackburn, Robin. *A construção do escravismo no Novo Mundo: do Barroco ao Moderno, 1492-1800*. Rio de Janeiro: Record, 2003
- Buck-Morss, Susan, *Hegel, Haiti and Universal History*, Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 2009.
- Buck-Moss, Susan Hegel e Haiti, *Novos Estudos*, 90, julho de 2011.
- Cajou, Pierre Philippe. *O processo de democratização do Haiti e suas limitações*. Tese de doutorado, Unicamp: 2013.
- Câmara, Irene Pessoa de Lima. *Em nome da democracia: a OEA e a crise haitiana 1991-1994*. Brasília: Instituto Rio Branco e Fundação Alexandre de Gusmão, 1988.
- Castañeda Fuertes, Digna. The Haitian Revolution: Legacy and actuality. / La revolución haitiana: legado y actualidad, in: [International Journal of Cuban Studies](http://www.internationaljournalofcubanstudies.com), 2010, vol. 2, no. 3-4
- Castor, S. *La ocupación norteamericana de Haití y sus consecuencias (1915-1934)*. Mexico: Siglo XXI, 1971.
- \_\_\_\_\_. Dominación duvalierista y resistencia campesina em Haiti, *El Caribe contemporaneo*, n. 7, octubre 1983, pp. 77-95
- \_\_\_\_\_. La primera guerra 'Caco' en Haití o la resistencia popular a la ocupación norteamericana, 1915. *El Caribe contemporaneo*, 10, juillet 1985.
- Cavalcante, Fernando. *Revisitando o debate nacional: cinco anos da missão no Haiti*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.
- .Cesaire, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Blumenau: Letras contemporâneas, 2010;
- \_\_\_\_\_. *Toussaint L'Ouverture, La revolution française et le problème colonial*, Paris, 1962.
- Chenet, Jean-Baptiste. *Mouvements populaires et partis politiques (1986-1996): la restructurations manquée de l'ordre politique agonisant*, Univ. de la Sorbonne nouvelle, Paris III, 2011, <http://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01068975>) em 26/09/2014.
- Clormeus, Lewis Ampidu (Éd.). État, religions et politique en Haïti (XVIIIe - XXIe siècle). *Histoire, Monde et Cultures religieuses*; 29. Paris: Karthala, 2014, 204 p.
- Coggiola, O. Haiti: terremoto, colonização e resistência, in: *Revista PUC Viva*, jan-abril 2010, ano 11, n° 37, pp. 30-37.
- Cole, Hubert. *Christophe: King of Haiti*, London, 1967.
- Corten, A. *L'État faible, Haiti et la République Dominicaine*. Montréal: Mémoire d'Encrier, 2011..
- Dalencourt, François. Bolívar y Haití. Alexandre Pétion frente a la humanidad. [Guaraguao. Revista de Cultura Latinoamericana](http://www.guaraguao.org), 2013, no. 44, p. 99-122.
- Deshommes, Oriol. *Le développement endogène, le cas d'Haïti de 2000 à 2010*. 2014.
- Deive, C. D. *Los guerrilleros negros: esclavos fugitivos y cimarrones em Santo Domingo*, Santo Domingo: fundação

Cultural dominicana, 1989.

Diniz, Eugenio. Peacekeeping and the evolution of foreign policy. In: FISHEL, J.; Saenz, A. (Ed.). *Capacity-building for peacekeeping: the case of Haiti*. Washington, D.C.: Center for Hemispheric Defense Studies, National Defense University Press, 2007.

Donnadieu, Jean-Louis. *Toussaint Louverture: le Napoléon noir*. Portrait. Paris: Belin, 2014.

Dorigny, Marcel. Révolution haïtienne et indépendances américaines: Continuités et ruptures. / Revolución haitiana e independencias americanas: continuidades y rupturas, 2012, p. 43-50. En *Coloquio Internacional de Historia de América* (7º. 2009. Salamanca). Visiones y revisiones de la independencia americana: subalteridad e independencias / Izaskun Álvarez Cuartero & Julio Sánchez Gómez (eds.)-- 1ª ed.-- Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012.-- 186 p. ; 24 cm.-- (Aquilafuente ; 184).

Diederich, Bernard, and Burt, A., *Papa Doc: Haiti and its Dictator*, London, 1969.

Descardes, J. R. *Dynamique vodou et état de droit em Haiti: droits de l'homme et diversité culturelle*, Paris, Tese (doutorado) Université Paris I, 2001.

Diederich, B.; Burt. A. *Papa doc et les Tonton Macoutes: la verité sur le Haiti*. Porto Principe: ed. M. Deschamps, 1986.

Doubout, Jean-Jacques, *Féodalisme ou capitalisme? Essai sur la évolution de la formation sociale d'Haïti*, Paris, 1973.

Doura, F. *Economie d'Haïti: Crise, Dépendance et Développement*,

Volume 1, Montréal : éditions DAMI, 2001.

Feldmann, Andreas; Montes, Juan Esteban. Haïti: tribulaciones de un estado colapsado, in: *Revista de ciencias políticas*, vol. 28, 1, 2008, p. 245-264.

Fishel, John; Saenz, André. *Capacity-building for peacekeeping: the case of Haiti*. Washington, D.C.: Center for Hemispheric Defense Studies, National Defense University Press, 2007.

Frantz, Courtney. *Leta Restavek ou la neutralisation de la démocratie en Haïti*. In: *(Re-) construire les États, nouvelle frontière de l'ingérence Alternatives Sud*, 2012, vol. 19, no. 1, p. 171-178.

Fontoura, Paulo Roberto. *O Brasil e as Operações de Paz*. Brasília: Instituto Rio Branco, 2005.

Franco y Ferran, J. L. *Documentos para la Historia de Haiti*. La Habana: Archivo Nacional, 1954.

Galíndez, Jesús de. *La era de Trujillo, un estudio casuístico de dictadura hispanomericana*, Buenos Aires: editorial Americana, 1958.

García Lorenzo, Tania; Martínez Reinosa, Milagros. Six lessons from Haiti: The need for cooperation development./ Seis lecciones desde Haïti: La necesidad de cooperación al desarrollo, in: *International Journal of Cuban Studies*, 2010, vol. 2, no. 3-4.

Garcia, Emilio Pantojas. Dos grandes revoluciones del Caribe, Haïti y Cuba, ejemplos o escarmientos? in: *América Latina Hoy*, 66, 2014. p. 169-180.

Gauthier, Amelie; Sousa, Sarah. Brazil in Haiti: debate over the peacekeeping mission, in: *Fundación para las Relaciones Internacionales y Del Dialogo Exterior*, 2006. Disponível em:

<<http://www.frde.org/eng/File/ViewFile.aspx?FileId=1193>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

Gédéon, Jean; Fontbressin, Patrick de (Préface); Forst, Michel (Postface). *La reconstruction d'Haïti: l'extrême pauvreté: un enjeu fondamental*. Paris: L'Harmattan, 2014, p. 151.

Geggus, David P. (ed.), *The impact of the Haitian Revolution in the Atlantic World*, Columbia, University of South Carolina Press, 2001

Girard, Philippe R. *Ces esclaves qui ont vaincu Napoléon: Toussaint Louverture et la guerre d'indépendance haïtienne (1801-1804)*. *Le Monde Atlantique*. Bécherel: Perséides (Les), 2013.

Girault, Barthelemy Gérard (org.). *La republic haitiene état des lieux et perspectives*. Paris: Karttala, 1993.

Godio, Julio *História del movimiento obrero latino-americano*, vol. 3, Caracas, Nueva Sociedad, 1985.

Gómez, Alejandro. *Le spectre de la Révolution noire: l'impact de la Révolution haïtienne dans le Monde atlantique, 1790-1886*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013.

Grondin, Marcelo. *Haiti: cultura, poder e desenvolvimento*, São Paulo: Brasiliense, 1985, coleção Tudo é história.

Kimou, Atsè Alexis-Camille. (Instituto Moderno de Anyama, Costa de Marfil). La rebelión de Galbaud y la libertad general de los esclavos de Saint-Domingue (1793-1794). In: Lafont, Pascal; Pariat, Marcel. In: *Penser et agir dans l'incertain: l'actualité de la transaction sociale*, *Pensée plurielle*, 2013, no. 33-34, p. 163-176.

Gombata, Marsilea. No dia em que a missão da ONU deixar o Haiti, isso aqui vai virar o caos, entrevista com o cônsul brasileiro Vitor Hugo Irigaray, *revista Carta Capital*, 11/08/2014, ed. 811.

Grafenstein, Johanna Von. *Haiti, textos de su historia*, Mexico: Nueva Imagen, 1987.

\_\_\_\_\_. La dictadura de los Duvalier em Haiti (1957-1986), Mexico: *Cuadernos Americanos*, ano XLVI, v. CCLXVI, maio, jun 1986.

Guimarães, José Marques. *A difusão do nativismo em África, Cabo Verde e Angola, séculos XIX e XX*, Lisboa: África debate, 2006.

Guliás, Andás. Haïti en el centenario de America Latina, *Conlindancias*, 2, Timisoara, Romenia, 2011.

Haggerty, Richard A. (ed.). *Dominican republic and Haiti, country studies*, 2ª ed., Library of congress, 1991.

Hass, Richard. *The Intervention. The use of american military force in the post-cold war world*. Washington, Carnegie Endowment Book, 1994.

- Hersbit, Natalia. La comunidad internacional y Haití: una historia de desamor – el rol de la cooperación internacional, 1990 – 2010, *revista Ibero-americana de estudios del desarrollo*, 2(1), 2013, p. 24-43.
- Hirst, Monica. Strategic posture review: Brazil. *World Politics Review*, set. 2009.
- \_\_\_\_\_. Las políticas de EUA, Europa y América latina en Haití: Convergências, superposiciones u opciones diferenciadas? In: *Pensamiento Iberoamericano*, 8, 223-242.
- Hunter, Wendy. State and soldier in Latin America: redefining the military's role in Argentina, Brazil, and Chile. *Peaceworks*, n. 10, out. 1996.
- Hurbon, Laënnec. El concepto de negritude em la vida cultural y política de Haití, *Estudios Sociales*, v. 18, jan-mar, 1985, p. 1-16.
- Jadotte, Evans. Characterization on inequality and poverty in the republic of Haiti, *Estudios Sociales*, Enero-junio, 2007, vol. 15 (29), p. 8-56.
- James, Cyril R. L. *Os jacobinos negros*, São Paulo: Boitempo, 2001.
- Jerome, Yves J. *Toussaint Louverture*. New York: Vintage Books, 1978.
- Joachim, Benoit. *Les racines du sous-developpement en Hati*, s/l, Prix Deschamps, 1979.
- Kinov, Alexis-Camille. La rebelion de Galbaud et la liberté générale des esclaves de Saint-Domingue (1793-1794), *Nuevo Mundo/Mundos Nuevos*, en línea, 4 fev 2014, hppt://nuevomundo.rewes.org/66356.
- Lacey, Marc. Alta de alimentos no mundo coloca governos sob pressão, *New York Times*, traducido e publicado na *Folha de São Paulo* em 21/04/2008.
- Leyburn, James G., *The haitian people*, London, Yale university press, 1966 – ed. em espanhol Santo Domingo, 1986.
- Lombart, Marie; Pierrat, Kevin; Redon, Marie. Port-au-Prince: un "projectorat" haïtien ou l'urbanisme de projets humanitaires en question, in: *Cahiers des Amériques latines*, 75, 2014.
- Luc, Jean. *Structures économiques et lutte nationale populaire en Haiti*, Montreal, 1976.
- Lucien, Georges Eddy. *Une modernization manqué. Port-au-Price (1915-1956)*. Volume 1, Port-au-Prince: ed. De l'Université d'état d'Haïti, 2013.
- Lundhal, Mats. *Peasants and poverty: a study of Haiti*. New York: St. Martin's Press, 1979.
- Maginat, Leslie F. *Ethnicité, nationalisme et politique: le cas d'Haïti*, New York, 1975.
- Maguirre, Robert. Priorities, alignment and leadership: improving, United State aid effectiveness in Haiti, in: *Cahiers des Amériques*, 75, 2014.
- Marie, Jean-Jacques, *El trotskismo y los trotskistas*. Madri: POSI, 2005.
- Xabier Arrizabalo Montoro, *Capitalismo y economia mundial*, Madrid, IME –ARCIS - UdeC, 2014.
- Moral, Paul. *Le paysan haitien*, Paris: ed. Maissonneure, 1961.
- Nascimento, Sebastião. Reconstruir lo jamás construido: el impacto diferenciado del seísmo en Haití, el restablecimiento de la precariedad y la emergencia de una institucionalidad bifurcada. In: Lienhard, Martin (Coord.) *Afroamérica hoy — Afro-América hoje — Afro-Amérique aujourd'hui* [Bulletin de la Société Suisse des Américanistes](#), 2010, no. 72, p. 11-22.
- Nérée, Bob. *Duvalier: le pouvoir sur les autres, de Père en Fils*, Port-au-Prince: ed. Henru Deschamps, 1988
- Nesbitt, Nick, *Universal Emancipation. The Haitian Revolution and the Radical Enlightenment*, Charlottesville and London, University of Virginia Press, 2008.
- Nicholls, David, *From Dessalines to Duvalier: race, colour, and national independence in Haiti*, New Jersey: Rutgers university press, 1996.
- \_\_\_\_\_. The Duvallier Regime in Haiti. In: *Sultanistic Regimes*, editado por H.E. Chehabi y Juan Linz. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 153-181, 1998.
- Palmer, Ransford W. *Caribbean dependence on the United States economy*, New York: Praeger, 1979.
- Paul, Bénédiq; Dameus, Alix; Garrabe, Michel. El proceso de terciarización de la economía haitiana, In: *Problématiques caribéennes, Études caribéennes*, 2010, no. 16.
- Pedrosa, Mário. *A opção imperialista*, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1966.
- Perosa, Tereza e Osakabe, Marcelo. Haití: nosso pequeno Afeganistão, *Diplomacia*, 20/12/2012.
- Pierre-Charles, Gérard. Avances de la lucha democratica em Haiti. *El Caribe contemporaneo*, 11, dec 1985, p. 7-14.
- \_\_\_\_\_. El fracaso del proyecto neo-duvalierista, *El Caribe contemporaneo*, 3-4, jul-dec, 1980, p. 82-119.
- \_\_\_\_\_. Nuevas etapas de la resistencia popular. *Nueva Sociedad*, 73, juillet-aout 1984, p. 18-21.
- \_\_\_\_\_. *Haiti, a crise ininterrupta, 1930-1975*, Brasília: ed. UnB, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Radiografia de una dictadura*, Mexico, 1969. Montreal: Nouvelle Optique, 1973.
- Pinheiro, Marcos Sorrilha. Thomas Jefferson: escravidão e liberdade na independência do Haiti (1791-1806), *Anais XI encontro da ANPHLAC*, 2014, Niterói, RJ.
- Pons, Franck Moya. Casos de continuidad y ruptura: la revolution haitiana en Santo Domingo (1789-1809), in: *Historia general de America Latina*, tomo 5, pp. 133-157.
- Popkin, Jeremy D. *Facing racial revolution: eyewitness accounts of the Haitian Insurrection*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

- \_\_\_\_\_. Uma revolução racial em perspectiva, relatos de testemunhas oculares da insurreição do Haiti, *Varia História*, vol. 24 (39), p. 293-310, jan-jun 2008.
- Raffalli, Céline. Haïti: despedazado por sus benefactores, *Le monde diplomatique*, 167, maio de 2013.
- Raffy-Hideux, Peggy. Les réalismes haïtiens contemporains: récit et conscience sociale. *Francophonies*. Paris: H. Champion, 2013, 696 p.
- Ramalho, Antonio; Goes, Fernanda. Aspectos do financiamento das Operações de Paz da ONU: implicações para a política externa brasileira. In: *Boletim de Economia e Política Internacional*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010.
- Renda, M. Taking. *Haiti: military-occupation and the culture of US imperialism 1915-1940*. Chapel Hill: The university of north Carolina Press, 2001.
- Reserve, Roody. Haïti crisis sin fin, in: *revista de ciência política*, vol. 30 (2), 2010, p. 361-378.
- \_\_\_\_\_. Haïti, cuando el pasado es demasiado pesado. *Revista de Ciencia Política* 32 (2): 225-245, 2013.
- \_\_\_\_\_. Haïti: ? la misión de la ultima oportunidad? *Revista de Ciencia Política* 34 (1): 189-201, 2014.
- Revista PUC Viva*, número especial Haïti, janeiro a abril de 2010, ano 11, nº 37.
- Rocha, Guilherme Salgado. *Pense no Haiti, reze pelo Haiti*. São Paulo: Musa editora, 1995.
- Rodman, Selden. *The black republic*. New York: Devin-adair, 1976.
- Reinaldo Rojas, Rebeliones de esclavos negros en Venezuela antes y después de 1789, Cihalc, Venezuela). In: *Estudios de Historia Social y Económica de América*, 1993 no. 10 p. 151-164.
- Rouquié, Alain. *O estado militar na América Latina*, São Paulo: Alfa-Omega, 1984.
- Sader, Emir e Jinkings, Ivana (coords.). *Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*, São Paulo: Boitempo, 2006.
- Saint Jean, Franck. Haïti: terre de résistance à la recherche d'une nouvelle émancipation populaire. Haïti: tierra de resistencia en busca de una nueva emancipación popular, In: *État de résistances dans le Sud. Les mouvements paysans Alternatives Sud*, 2013, vol. 20, no. 4, p. 137-141.
- Sarmiento, Luís. *O Brasil e a Minustah: as motivações e consequências de uma operação liderada pelo Brasil*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- Scaramal, Eliesse dos Santos Teixeira. *Haïti – fenomenologia de uma barbárie*, Goiania: Câne editorial, 2006.
- Schimidt, Hans. *The United Status occupation of Haïti, 1915-1934*, New Brunowick: Rutgers univ. press, 1971.
- Schoultz, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão – uma história da política norte-americana em relação à América Latina*, Bauru: Edusc, 1998.
- Serulnikov, Sergio; Lluch, Andrea (Coord.), Debates. Latinoamerica y los enfoques globales, in: [Nuevo Mundo Mundos Nuevos](#), 2014, no. 14.
- Shamsie, Yasmine. La construction d'un parc industriel dans l'arrière-pays rural d'Haïti. Quelques observations sur le partenariat 'état-société et les capacités de l'état, in: *Cahiers de Amériques latines*, 75, 2014.
- Simonoff, Alejandro. Troop deployment and foreign policy 1989-2005, in: *Relaciones internacionales*, Buenos Aires, volume 1, 2006.
- Síntese da Primeira Sessão da “Comissão Internacional de Investigação sobre a Situação no Haïti”, 16 – 20 de setembro de 2009. Porto Príncipe, Haïti.
- Smith, Amy Erica, y François Gélinau. *The Political Culture of Democracy in Haïti and in the Americas, 2012: Towards Equality of Opportunity*. Nashville: Latin American Public Opinion Project. 2012.
- Smith, Matthew J. *Red and Black in Haïti: radicalism, conflict and political change 1934-1957*, The university of North Carolina press, 2009.
- Snyder, Richard. Vias de salida de los regimes sultanicos. Una combinación de perspectivas estructurales y voluntaristas, in: *Araucania*, 4 (7), do 1º semestre, 2002.
- Souza Neto, Danilo Marcondes. A Minustah, in: *Revista da escola de guerra naval*, janeiro, número 15 (2010), pp. 25-58.
- Soares de Lima, Maria; Hirst, Mônica. Brazil as an intermediate State and regional power: action, choice and responsibilities. *International Affairs*, v. 82, n. 1, p. 21-40, 2006.
- Souza Neto, Danilo Marcondes. Participação sul-americana em operações de paz: um estudo de caso da participação dos países do Cone Sul na Minustah. *Revista Eletrônica Boletim do Tempo*, v. 4, n. 3, 2009.
- Spencer, St. John. *Haïti or de Black Republic?* New York: s. Cribuier and Welford, 1989.
- Stotzky, Irwin P. *Silencing the Guns in Haïti: The Promise of Deliberative Democracy*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- Taylor, Erin B. When Crisis Is Experienced as Continuity. Materialities of Time in Haïti? / Cuando la crisis se experimenta como continuidad. ¿Materialidades de tiempo en Haïti? In: *Temps biographiques et discontinuités politiques*, Ethnologie française, 2014, vol. 44, no. 3, p. 491-502.

Tata, Robert J. *Haiti: land of poverty*, Whashington, D. C. university press america, 1982.

Théodat, Jean-Marie; Prépétit, Claude; Lacassin, Robin; Klinger, Yann; Feuillet, Nathalie; Manigat, Sabine; Hurbon, Laënnec; Robin-Clerc, Michèle; Wooding, Bridget. Haïti failles sur failles. / Haïti errores sobre errores In: Haïti, Sichuan, Fukushima, Outre-terre. *Revue française de géopolitique*, 2013, no. 35-36, p. 123-259.

Thermé, Pierre. Haïti: 2003-2012: Les mouvements de contestation populaire face aux logiques de l'aide, in: *Cahiers du Amerique Latine*, 75, 2014, p. 125-146.

Thomaz, Omar Ribeiro. O terremoto no Haiti: o mundo dos brancos e o Lougawow, *Novos estudos*, Cebrap, 86, 2010, p. 23-39.

Tokatlián, Juan Gabriel, Haïti: una intervención desafortunada, *Análisis político*, 55, Bogotá, set-dec, 2005, p. 2.

Tomich, Dale. Pensando o impensável: Víctor Schoelcher e o Haiti, *Mana*, 15 (1): 183-212, 2009.

Tortosa, Antonio Jesus Pinto, La revolución del haïti revisiones, *Revista de Indias*, 2010, LXX, 248: 241-256.

Trouillot, Michel-Rolph. *Haiti, state against nation – the origins and legacy of duvalierism*, New York: Monthly review press, 1990.

\_\_\_\_\_. Motion in the system: coffee, color, and slavery in eighteenth century Saint Domingue. *Review*, V (3):331-388, 1982.

Valler Filho, Wladimir. *O Brasil e a crise haitiana*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

Vasconcelos, Alex Donizate. El problema del vecino: as representações haitianas nos discursos midiáticos dominicanos no contexto da Minustah (2004-2014), *Anais do XI encontro da ANPLACH*, Niterói, RJ.

Verlin, Jan. Haïti: le état failli, état à (re)construire, *Cahiers des Ameriques Latines*, 75 (2014).

Helena Hill Weed, Hearning the Truth about Haiti, in: *The nation*, 114, 9/11/1921. ( <http://hartfordportو.hwp.com/archives/43a/384.html> (23/03/2015).

Wansetto, Rosilene (org.). *Haiti: soberania e dignidade*, Missão Internacional de Investigação e solidariedade com o Haiti, São Paulo: ed. Expressão Popular, 2007.

Willians, Eric. *Capitalismo e Escravidão*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1975.

#### *Outras fontes:*

Haiti en Marche. 2009. Peu avant l'interpellation de M. Pierre-Louis, l'OEA soulignait la nécessité de maintenir la stabilité. <http://www.haitienmarche.com/nouvellesenbref.php?id=1257798544>. [Consulta, marzo 2010].

Haiti References. Les premiers ministres haïtiens. <http://www.haiti-reference.com/histoire/notables/pministres.html>